## **DESASSOSSEGO:** Ricardo Gil Soeiro<sup>1</sup>

(ricardogsoeiro@hotmail.com)

por ti vou até ao fim do tempo

sem dia triunfal ou heterónimos esquecidos, serei apenas vulgar superherói e, de capa encantada, altivo voarei

mas temo que me tomem à letra por turista acidental.

assim, imitarei trejeitos de poeta: calar palavras, inventar silêncio
à vista de todos e sem disfarce,

trarei comigo apenas um transparente véu com que sonhar...

às escondidas, nos meus sonhos, vi amplos palácios revelados, ilhas secretas brilhando entre os murmúrios; porém, desengonçado, na mochila trago versos: novalis, pessoa e outros passos perdidos,

e ninguém me acompanha nesta estrada solitária: atrevendo-me a uma nova alma, acabada de estrear, permaneço foragido com a eterna bagagem de outros fantasmas: fingindo-me de deus, a todos procurei enganar.

hoje (ritardando),

despido da minha túnica de nesso, arrependo-me de ter ousado esta lírica viagem à terra dos diáfanos centauros:

mas não deixo testamento:

sem cautela, prefiro proferir o teu falso nome, e tudo me doeu, sussurrando-te ao ouvido...quantos dias me faltam para a morte.

passageiro clandestino e pobre na arte do verso,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>Ricardo Gil Soeiro (nascido em 1981) é investigador do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ensaísta e poeta. Orienta a sua investigação nas seguintes áreas: Estudos Comparatistas, Teoria da Literatura, Hermenêutica, Poesia Portuguesa Contemporânea, Literatura de Expressão Alemã e Estudos de Memória.

ignoro, temerário, o mandato de captura e, na penumbra, vou ser quem sou e mostrar a ideia que tenho do infinito.

sem pontos cardeais,
resta-me assumir o risco de ser humano
e, insensato, deixar cair a máscara de repente
por ti, à luz do dia me entregarei à polícia de fronteira
assim visível e indefeso, oferenda de que se tece o manto do destino.

## tenho pressa:

irei fugir nova vez pela calada, e, em forma epistolar, esconder este corpo à deriva, queimando inúteis quilómetros e aprendendo como se solta a morte: infausta condição de ser amante e ser morrente.

pouco me importa que vá preso ao rumor do dia...
e agrada-me ter assim este desfecho:
de mim evadido e cambiando rostos,
escrevo cartas a um jovem poeta e olvido o livro do filósofo,
ao mesmo tempo que emigro para o outro lado do tempo,
e enquanto tu, ambicioso, traficas novas existências...
tudo o que há a dizer é: amo o vazio e os segredos com abismo dentro

eis o que me falta:

por ti ir ao fim do mundo